

Seleções

do Reader's Digest

TOMO LV
Nº 325

FEVEREIRO
de 1969

Condensações de artigos de interesse permanente.

Copyright © 1969 da Editora Ypiranga S. A.



Na União Soviética, a liberdade é um fogo fátuo, um sortilégio que escapa ao seu povo ansioso. Mas o sonho não morrerá, como o demonstra esta história de resistência apaixonada—e reprimida

Os Silenciosos Subterrâneos da Rússia

Condensado de SATURDAY EVENING POST
MICHAEL LOGAN

CONHECI Victor Lesnikov há quatro anos. Victor—cujo nome alterei, como também alterei alguns dos detalhes mais fáceis de reconhecer de sua vida—tinha então 24 anos e estudava num instituto de arquitetura em Leningrado, onde eu também estudava, num

programa de intercâmbio. Ao visitá-lo agora, num bairro triste e decadente de Moscou, a 20 minutos a pé do Kremlin, êle abre a porta, sorri largamente e me passa pelo ombro o braço magro. Mas não tem uma palavra de cumprimento. Levame com rapidez e em silêncio pelo

comprido corredor, passando pela cozinha comum e pelos quartos das outras famílias até ao seu estreito retângulo nos fundos.

O silêncio no corredor é uma precaução automática em Moscou. Presume-se que uma pessoa em todo o apartamento comunal recebe um salário para comunicar à polícia as ocorrências estranhas, e o som de um sotaque estrangeiro é justamente a espécie de ocorrência estranha que as pessoas têm o cuidado de evitar. Victor tem razões especiais para afastar as suspeitas dos seus vizinhos: êle faz parte do movimento político subterrâneo que surgiu nos últimos dois anos em grandes cidades soviéticas. Victor não é conhecido pelas suas atividades clandestinas. Somente um círculo fechado de amigos de confiança e a polícia secreta sabem dessas atividades. Na verdade, poderá ter sido prêso quando êste artigo aparecer.

Victor é precisamente a espécie de homem que a polícia secreta vem ultimamente vigiando cada vez com mais persistência e perseguindo cada vez mais implacavelmente num esforço por eliminar o "vírus traiçoeiro e anti-soviético" das idéias liberais. Êle e um punhado relativamente pequeno de intelectuais que pensam da mesma maneira são a causa do mais notável dos fatos novos na vida soviética—o protesto aberto contra a repressão do govêrno.

O Ponto de Ruptura. Muito se tem escrito na imprensa ocidental a respeito da nova "onda" de protes-

to na Rússia—mas pouco se fala da repressão, a mais cruel desde a morte de Stalin, que é o seu reverso. O que aconteceu a Victor na sua carreira de protesto não é comum—tem tido mais sorte do que muitos—mas ilustra a posição e as perspectivas dos russos que desafiam, ainda que legal e humildemente, as decisões do seu govêrno.

Criado numa fazenda coletiva cêrca de 800 quilômetros a leste de Moscou e filho de camponeses semi-analfabetos, Victor ganhou medalha de ouro na escola e era o líder natural de tôdas as atividades extracurriculares dos Jovens Comunistas. Continuou os seus estudos, diplomando-se na Universidade de Lenigrado depois de um curso excelente—suficientemente bom para ser designado para trabalhar em Moscou, sonho de todos os estudantes soviéticos, que temem a designação para as tristes e ainda primitivas províncias russas. Foi colocado como arquiteto principiante numa emprêsa construtora que levanta edifícios de apartamentos e estabelecimentos comerciais, lugar êsse que ainda ocupa.

Nos seus tempos de estudante, Victor acreditava firmemente no comunismo. Com tôdas as suas falhas, restrições, ineficiência e incessante propaganda, o regime era na opinião de Victor essencialmente superior ao capitalismo. Estava certo de que era apenas uma questão de tempo e que a União Soviética, tendo paz, superaria os seus defeitos temporários e irritantes.

Essa era a atitude típica entre os estudantes nas principais cidades soviéticas. O que aconteceu a Victor nos anos imediatamente seguintes foi igualmente típico. Não mudou a idéia a respeito da justeza essencial do comunismo. Limitou-se a deixar de pensar em política e mergulhou nas suas atividades particulares: o emprêgo e a carreira, as leituras, a música e os amigos. De certo modo, essa era a evolução natural dos moços em tôda a parte depois do idealismo nos tempos estudantis. Mas no caso de Victor e de seus amigos contribuiu também para o caso a desilusão em face das promessas do Govêrno soviético.

Um dos primeiros amigos de Victor em Moscou, por exemplo, foi um jovem pintor. Há pouco tempo, o pintor foi convidado por uma galeria de Londres para visitá-la e expor os seus trabalhos. A carta da galeria foi respondida por um funcionário do sindicato dos pintores, que disse que o artista estava tão ocupado que não podia aceitar o convite. O jovem pintor—que desejava mais do que tudo no mundo fazer uma viagem ao Ocidente—nem chegou a ver o convite. Soube dêle por mero acaso. Outro amigo seu conhecia a funcionária que datilografou a resposta. Victor veio a compreender que isso não era um caso isolado, mas um fato comum da vida soviética.

Ao mesmo tempo, a propaganda constante em tôrno da superioridade do comunismo alienava e deprimia Victor e seus amigos. “Tínhamos

sido politizados até à morte”, explicou êle. “A todos os minutos de todos os dias, desde que éramos crianças, era comunismo, luta de classes, o gênio de Lenine, as verdades imutáveis do marxismo. Estávamos simplesmente fartos. Até os russos têm um ponto de ruptura.”

Mas Victor nunca teria sido levado ao arriscado ponto do protesto aberto se não fôsse o famoso caso de Andrei Sinyavsky e Yuli Daniel.

Apagada a Esperança. Em fevereiro de 1966, êsses dois escritores russos foram condenados em Moscou por disseminarem “invenções caluniosas e difamatórias para o sistema político e social soviético... com o objetivo de subverter ou enfraquecer o regime soviético”. O processo era tão grosseiramente injusto, que o caso se tornou instantaneamente uma *cause célèbre*. Quase nenhum crítico literário, soviético ou estrangeiro, estava de acôrdo com a idéia de que as obras de qualquer dos escritores eram “anti-soviéticas”. Quando muito, suas obras satirizavam levemente o regime. Mas isso pouco perturbou o juiz, que torceu citações para dar-lhes sentidos diversos dos visados. Era um caso clássico de um estado policial inventando crimes e processando homens por suas idéias. Sinyavsky e Daniel foram condenados a sete e cinco anos de prisão, respectivamente, em colônias de trabalho.

Violando a lei soviética, o julgamento foi vedado à imprensa e ao público, exceto a testemunhas esco-

lhidas a dedo, que foram proibidas de tomar notas. Apesar disso, uma cópia parcial do julgamento foi tirada furtivamente do tribunal e em breve outras cópias circulavam entre os intelectuais. Victor viu uma delas poucas semanas depois do julgamento.

—Foi mais do que um choque—disse-me êle.—Senti náuseas. Eu não tinha ilusões a respeito da maneira pela qual se fazem as coisas neste país, mas êsse caso lançou uma nova luz sôbre tudo. Tôdas as nossas esperanças, inclusive o pequeno progresso verificado depois da morte de Stalin, pareceram apagadas por êsse julgamento.

Uma semana de abatimento caiu sôbre Victor e seus amigos. Foi então que êle tomou uma iniciativa, que, dentro das circunstâncias, era “extremamente tôla”. Redigiu um protesto endereçado a Leonid Brejnev, Secretário-Geral do Partido Comunista, e a Alexei Kosygin, o Primeiro-Ministro.

O apêlo de Victor, uma declaração breve e emotiva, acentuava, em paráfrase, que “êsse episódio causou maior dano à reputação da União Soviética do que qualquer quantidade de romances anti-soviéticos, porque romances, afinal de contas, são apenas ficção, mas êsse julgamento é *fato*. E o fato é que êsses dois escritores foram processados não por algum crime que tivessem cometido, mas por suas idéias apenas—o que constitui uma violação da lei mais básica da sociedade civilizada”.

Por mais inofensiva que uma petição dessa espécie pudesse parecer no Ocidente, em Moscou foi revolucionária. Pois Victor assinou-a com o seu nome e acrescentou o seu endereço à carta, como fizeram os 23 que assinaram com êle. Sem coordenação, dezenas, talvez centenas, de petições semelhantes foram enviadas às mais altas autoridades soviéticas. Foi o comêço de um movimento de protesto até então inconcebível e que marcou importantes modificações na vida política do país.

Verificou-se então um fato que, embora nunca fôsse divulgado na imprensa ocidental, foi ainda mais espantoso dentro das condições soviéticas.

Extravasamento de Coragem. A única testemunha de defesa permitida no julgamento de Sinyavsky e Daniel foi Victor Dmitrievich Duvakin, professor de Literatura Russa da Universidade de Moscou. Logo depois do seu depoimento—um ato comovente, quase heróico—êle foi demitido do seu cargo.

Duvakin era um dos mais respeitados e estimados professôres da universidade, e a reação dos estudantes foi imediata. Cêrca de 200 dêles irromperam pelo gabinete do reitor da universidade e exigiram uma explicação pública. O reitor concordou com relutância em ceder um auditório para uma discussão do caso.

A notícia da reunião se espalhou pela universidade e pelos círculos intelectuais da cidade. O auditório tem capacidade para 1.500 pessoas sentadas, mas nessa noite havia o

dôbro dêsse número amontoado entre as cadeiras e nas balaustradas. No palco, estavam sentados o reitor e vários dos seus auxiliares. Ao lado dêles, via-se um alto funcionário da seção ideológica do Partido, homem notoriamente da "linha dura", que fôra convocado para ditar a lei sôbre Sinyavski e Daniel e sôbre a necessidade de disciplina ideológica entre os estudantes.

A sessão começou numa atmosfera de elétrica expectativa. Falou primeiro o reitor e depois o ideólogo do Partido, um homem gordo de cara fechada. Começou advertindo que o Partido não toleraria "anarquismo" nem "pseudoliberalismo". Fizeram-no calar aos gritos: "Vamos aos fatos!" A resposta dêle foi abafada por vaías. O resto da longa reunião foi dedicado a críticas e a expressões de revolta, cuja sinceridade e intensidade espantaram os próprios estudantes. Os oradores se sucederam atacando violentamente as práticas soviéticas de censura, contrôle total da imprensa e da vida pública.

O funcionário do Partido pareceu a princípio chocado. Depois, com o rosto vermelho de fúria, lançou um contra-ataque, chamando Sinyavski e Daniel "perversos renegados anti-soviéticos que maculam a nossa Pátria, o nome do comunismo e até de Lenine, o líder da humanidade proletária!" Victor então se levantou. Respondeu que não eram Sinyavsky e Daniel que desmoralizavam tudo aquilo por que Lenine havia lutado, mas os homens que fraudavam julga-

mentos e depois mentiam ao mundo sôbre isso. "Desafio-o agora a comparar o que foi realmente dito no julgamento e o que a nossa imprensa disse que foi dito. Desafio-o a reabrir o caso e dar-lhes um julgamento honesto e público."

Não havia uma reunião assim desde a queda de Trotsky na década de 1920. E continuou num crescendo até bem depois da meia-noite. Uma vez abertas, as fontes do protesto e da revolta não podiam mais ser represadas. Para acabar com a desenfreada sessão, o reitor foi forçado a uma retirada estratégica. Consultou o homem do Partido e anunciou que o caso de Duvakin seria reexaminado. Depois, um grupo de amigos de Victor discutiu a reunião pela noite adentro. Havia o sentimento de que um fato histórico se verificara naquela noite.

Foi êsse o zênite do movimento de protesto para Victor.

"Sabemos de Tudo". Numa manhã daquele mês de abril, Victor foi convocado para uma "conversa". Até as crianças de Moscou faziam pilhérias amargas sôbre o local da reunião: a sede da polícia secreta, o KGB. Victor chegou ao enorme edifício de pedra às seis e meia daquela tarde e foi conduzido a um típico escritório soviético.

—Sente-se—disse um homem magro, de rosto afilado.—Acho que não devemos perder tempo. As suas palhaçadas já foram longe demais. Digamos que cessaram a *partir dêste momento*.

O homem com quem Victor falava, um major do KGB, nunca elevava a voz. Procedia com a fria certeza de que tinha domínio total sobre Victor.

—Sabemos de tudo a respeito das suas atividades subversivas—disse êle.—Só o seu excelente curso na universidade o salvou de uma punição imediata. Mas bastará um passo em falso, uma *conversa* mais sobre Sinyavski ou Daniel, e você será um velho quando tornar a ver Moscou.

—Eu nada fiz de errado—disse Victor.

O major mostrou uma cópia do protesto.

—Você não só assinou isto, mas também o redigiu. No seu quarto, com seus amigos. Noutras palavras, você foi o fundador dessa pequena célula anti-soviética.

—Não houve célula nem nada de anti-soviético—respondeu Victor.—O que fiz é perfeitamente legal e já é tempo de que pessoas como o senhor compreendam que há outros neste país que não têm medo.

—Está sendo insensato de novo—disse o oficial do KGB.—Se fôr necessário apresentarmos provas de que fêz alguma coisa ilegal, as provas serão apresentadas: especulação com a moeda, violação das leis sobre passaportes, deixe isso conosco. Penso que vai dizer a seus amigos que agora vê a luz, e que estava errado. *Tenho certeza* de que nunca mais assinará outro protesto, nem passará adiante outro livro ilegal,

nem organizará outro “seminário” para debater o que há de errado nas decisões do Partido. Estou sendo bem claro?

Victor nada disse.

Para que a Rússia Seja Livre. A carreira de ativista político de Victor terminou naquela noite. Não abandonou os seus ideais, mas passou do protesto “ativo” para o “subterrâneo”. Essas palavras estão entre aspas porque significam no meio soviético algo diverso do que ocorre no Ocidente. Para a maioria dos intelectuais de Moscou, estar no movimento subterrâneo significa simplesmente ler livros proibidos, escutar em ondas curtas programas ocidentais como a Voz da América e discutir fatos políticos e intelectuais com os amigos. Em outras palavras, não significa conspirar contra o governo. É o espírito que está na resistência. Pode-se falar, mas não escrever; pensar, mas não agir.

Victor se aborrece com os comentaristas ocidentais que afirmam que uma nova onda de liberdade está varrendo a Rússia. “Estão errados”, diz êle. “A polícia secreta é que é o verdadeiro governo dêste país. A ditadura tem de suprimir a discordância porque a única justificação para o total monopólio do poder pelo Partido é o mito de que o mesmo exerce também o monopólio total da verdade e da sabedoria. É um artigo de fé que nunca deve ser pôsto em dúvida.”

Durante vários meses depois dessa primeira advertência, Victor foi se-

guido ostensivamente por agentes do KGB com o para acentuar a intimidação. Agora já não é seguido todos os dias, mas êle se mostra extremamente cuidadoso. A vigilância do KGB sôbre os principais intelectuais foi severamente intensificada em meados do ano, e é atualmente tão completa que alguns escritores têm medo de falar nos seus telefones ou de se encontrarem com amigos em lugares públicos. A nova repressão contra os dissidentes em potencial é a mais severa em muitos anos.

Apesar de tudo isso, Victor e quase todos os protestadores russos continuam firmemente marxistas.

—A Revolução foi feita para libertar o povo em todos os sentidos —disse-me Victor recentemente, baixando a voz e olhando para as mesas vizinhas no café onde nos encontramos.—Para libertar-lhe o espírito, bem como o corpo e o trabalho.

E é isso o que nós queremos: democracia assim como socialismo.

—Não sou um herói—disse Victor.—Para protestar mais de uma vez, precisamos estar preparados para sacrificar tudo, e eu não estou pronto para isso... ainda não estou. Mas se os protestos nos ensinaram alguma coisa, é que para que a Rússia seja livre serão precisos decênios, talvez séculos. Não me iludo mais. Já fiz a minha incursão na política e agora quero levar uma vida normal.

—E que é que vai fazer agora?—perguntei-lhe.

—O que todos fazem. O que a intelectualidade russa vem fazendo há cêrca de dois séculos. Esperarei.—E acrescentou:—Os americanos não aprenderam a esperar, nunca tiveram de aprender. Se não gostam de alguma coisa, gritam, fazem manifestações. Mas eu aprendi. Sabe o que é a pessoa sentir-se impotente?



EM LONDRES, durante a Segunda Guerra Mundial, o General Eisenhower apareceu no enorme refeitório mantido em Grosvenor House para oficiais até ao posto de capitão, onde os oficiais levavam sua bandeja a um balcão para serem servidos.

—Só para inspecionar o rancho e provar a comida, pois eu já tinha comido—recorda êle.

Mas, quando as balconistas inglêsas o viram, puseram-lhe montes de comida na bandeja, apesar de seus protestos.

O general levou sua bandeja para uma das mesas. Sentado, olhou a montanha de comida na sua frente, pensando se poderia apenas prová-la. Então viu um cartaz sôbre a mesa: "Sirva-se de quanto quiser, mas coma tudo que apanhar. POR ORDEM DO GENERAL EISENHOWER." E êle comeu.

—A. G. L.